

A crise do capitalismo e a utopia de Paul Singer*

Capitalism crisis and the utopia of Paul Singer

Josué de Souza**

Resumo: Neste artigo, apresentamos a trajetória do economista brasileiro Paul Singer. Há também uma revisão bibliográfica de sua obra. Apresentamos a compressão do autor sobre o modelo capitalista de desenvolvimento e suas consequências para a classe trabalhadora. O objetivo do artigo vai além de apontar a vida e obra do autor, mas apontar que a compreensão desse cenário é importante não somente para entendermos as reações da classe trabalhadora a esse processo, mas também para compreendermos que a busca de saídas econômicas solidárias se torna uma agenda permanente. A obra de Paul Singer produz pistas para a construção de uma economia solidária e radicalmente democrática, que conduza a uma relação econômica e social horizontalizada. É uma ferramenta de luta anticapitalista, definida pelo autor como a abertura de brechas para o surgimento de uma nova forma de organização econômica.

Palavras-chave: Paul Singer, crise do capitalismo, socialismo democrático, economia solidária.

Abstract: In this article, we present the trajectory of Brazilian economist Paul Singer. There is also a bibliographical review of his work. We present the author's understanding of the capitalist model of development and its consequences for the working class. The objective of the article goes beyond pointing out the author's life and work, but pointing out that understanding this scenario is important not only to understand the reactions of the working class to this process, but also to understand that the search for solidary economic solutions becomes a permanent agenda. Paul Singer's work produces clues for the construction of a solidary and radically democratic economy, which leads to a horizontal economic and social relationship. It is a tool of anti-capitalist struggle, defined by the author as opening gaps for the emergence of a new form of economic organization.

Keywords: Paul Singer, crisis of capitalism, democratic socialism, solidary economy.

Classificação JEL: B3; Z12; Z13

*Submissão: 01/06/2024 | Aprovação: 31/07/2024 | Publicação: 21/12/2024 | DOI: [10.54805/RCE.2527-1180.v7.n2.156](https://doi.org/10.54805/RCE.2527-1180.v7.n2.156)

**Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) | E-mail: profjosuedesouza@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4009-6241>

1 Introdução

Neste artigo além de uma breve apresentação da trajetória do economista brasileiro Paul Singer, faremos também uma revisão bibliográfica de sua obra¹. O objetivo do artigo vai além de apontar a vida e obra do autor, mas apontar que a compreensão desse cenário é importante não somente para entendermos as reações da classe trabalhadora a esse processo, mas também para compreendermos que a busca de saídas econômicas solidárias se torna uma agenda permanente. Paul Singer nasceu em 1932, na Áustria. Era filho de uma família de pequenos comerciantes judeus. Com a ocupação nazista, a família emigra para o Brasil e se instala em São Paulo. Singer forma-se como eletrotécnico, torna-se operário e passa a atuar no movimento sindical: “Como trabalhador metalúrgico, foi um dos líderes da histórica greve dos 300 mil, que paralisou a indústria paulista por mais de um mês, em 1953” (Namorado, 2018, p. 5).

Na sua juventude, ajudou a organizar e financiar um kibutz.² Quando jovem, o autor aspirava mudar-se para Israel e viver na comunidade de orientação socialista judaica. Planos que não se realizaram por motivos familiares. Aliás, a experiência judaica é presente em seus textos, nos quais diseca “[...] comunas que constituem cooperativas integrais, isto é, de produção e de consumo. Os meios de produção são de propriedade coletiva, o trabalho é organizado e administrado por comitês eleitos, todas as decisões mais importantes são tomadas em assembleia” (Singer, P., 2022c, p. 291).

Segundo o autor, esse tipo de organização comunitária praticava o lema conhecido comunista: “De cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades”. Nessas comunidades não circulavam dinheiro e havia igualdade de gênero, portanto homens e mulheres trabalhavam por igual.

Segundo o perfil escrito por Namorado (2018), as experiências de juventude de Singer influenciaram fortemente sua carreira e trajetória. Em várias entrevistas e textos escritos por Singer, há referência aos kibutzim e à influência que exerceram sobre o autor, levando-o a tornar-se socialista e a pensar na possibilidade de uma economia com características solidárias. Segundo as palavras do próprio Paul Singer (Andrada & Esteves, 2018, p. 375): “[...] aquilo que seria a economia solidária da minha adolescência ficou um pouco no meu subconsciente. Relendo agora coisas que eu escrevi uns dez anos antes de se cunhar a palavra (não por mim), já havia em germe a preocupação”.

Outra influência presente na obra de Singer é o economista é Robert Owen. Segundo P. Singer (2002a), as concepções do filantropo e industrial inglês foram a primeira grande teoria social a utilizar as forças do industrialismo para acabar com a miséria e as injustiças sociais. Entre suas ações práticas, o empresário comprou e construiu casas e terras para doar aos trabalhadores. Reduziu a jornada de trabalho e aumentou os salários. Além de construir escolas e uma loja em que os trabalhadores podiam adquirir produtos com preços baixos.

Paul Singer (2002a) aponta que Robert Owen não buscava apenas a construção de formas de facilitar a sobrevivência dos mais pobres, ele também propunha uma transformação na sociedade, com vistas a eliminar a empresa capitalista voltada para o lucro. O economista aponta que as ideias do filantropo inglês representam a vanguarda na luta dos trabalhadores por uma economia igualitária, uma esperança de avanço para o futuro.

Ainda na década de 1950, Paul Singer torna-se estudante de Economia na Universidade de São Paulo (USP) e passa a militar no Partido Socialista Brasileiro (PSB). Na década seguinte, torna-se professor nesta mesma universidade, depois de doutorar-se em Sociologia. Em 1968, foi atingido pelo Ato Institucional nº 5 (AI 5), medida que cassou e aposentou compulsoriamente professores e intelectuais críticos à Ditadura Cívico-Militar que se instalara no país quatro anos antes. Expulso da universidade, funda o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), juntamente com outros intelectuais também perseguidos pelo regime.³

Schiochet (2018) destaca a faceta de educador de Paul Singer. Nesse sentido, aponta também a Economia Solidária como uma prática pedagógica, econômica e popular.

Nas palavras do autor:

Paul Singer é um dos maiores economistas que tivemos, mas em verdade foi um grande educador, à semelhança de Paulo Freire. Para ele tudo se traduzia em oportunidade de aprendizagem. Chegou a definir a economia solidária como um ato pedagógico em si. Assim, podemos dizer também que a convivência com o professor é uma experiência aprendente. (Schiochet, 2018, p. 54).

1 Este artigo é parte da tese de doutorado em Desenvolvimento Regional defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau, com o título *Economia e ética religiosa: afinidades eletivas entre a Ética da Libertação e a Economia Solidária*.

2 Kibutz são comunidades judaicas construídas na Palestina, no início do século XX. Estas experiências eram inspiradas pelos ideais do sionismo e do socialismo. O kibutz era uma comunidade igualitária, baseada em propriedade comunal. As decisões eram tomadas em assembleias gerais, por meio do voto majoritário, e a responsabilidade das decisões era de toda a coletividade. Segundo dados da Confederação Israelita do Brasil, em 2008, havia 256 kibutzim em Israel, com uma população estimada em 106 mil pessoas. Pelo menos 60 destes adotam um modelo de vida comunal em que a divisão da receita da comunidade é igualitária entre seus integrantes. (Confederação Israelita do Brasil, 2022).

3 O Cebrap é uma instituição de pesquisa na área de ciências humanas em que pesquisadores da área das ciências humanas e sociais desenvolvem estudos sobre a realidade brasileira. Sua fundação data de 1969, por iniciativa de um grupo de professores universitários, alguns dos quais haviam sido expulsos e aposentados compulsoriamente das universidades brasileiras pela Ditadura Militar após o AI 5, sobretudo da USP. O foco principal da instituição tem sido a análise crítica da realidade e do processo de desenvolvimento brasileiro, por meio de pesquisas em diversos ramos das ciências humanas. Com o passar dos anos, a instituição transforma-se na principal trincheira intelectual de luta contra o autoritarismo do Estado e construção de uma agenda acadêmica e política para o processo de redemocratização. Entre os membros fundadores estão pensadores como: Fernando Henrique Cardoso, Francisco de Oliveira, Francisco Weffort e Paul Singer (Baptista, 2010; Alonso, 2019).

Durante sua trajetória, além de uma vasta obra, que traça um diagnóstico da economia capitalista no Brasil, Paul Singer buscou por pistas para formular um modelo de desenvolvimento socialista e democrático. No caminho dessa tarefa, desenvolveu uma diversidade de relações com intelectuais, políticos e trabalhadores. Teve o reconhecimento de pares acadêmicos e intelectuais de todo o mundo, com destaque para a defesa de Boaventura de Souza Santos, diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, acerca da presença de Singer na Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes).

No documento destacado por Namorado (2018, p. 07), Singer é mencionado como “[...] um político, um intelectual e um militante respeitado, tanto no campo político como no campo acadêmico nacional e internacional. Trata-se de um homem que lutou pelas conquistas democráticas do Brasil e espero, profundamente, que ele possa continuar contribuindo”.

A. Singer (2021, p. 4), cientista político, professor da Universidade de São Paulo e filho do economista Paul Singer, aponta a que a carreira do pai pode ser definida como uma práxis na busca por “[...] ‘driblar’ o avanço capitalista. Tocando a bola socialista no espaço vazio deixado pelo adversário”. Toda obra do economista aponta para a construção de uma economia solidária e democrática. Desde o diagnóstico das bases da economia capitalista até sua teorização acerca da construção de uma sociedade justa e fraterna.

2 O socialismo de Singer

Em *O que é socialismo hoje*, P. Singer (2022b), aponta que, para Marx e Engels, o socialismo é o modo de produção predestinado, pelas forças históricas, a superar o capitalismo e sua contradição de classe. A condição de classe é também um mecanismo de poder e dominação de uma classe sobre a outra. O socialismo seria assim uma síntese de diversas bandeiras e lutas contra a exploração e opressão de classe, uma ideia que mobiliza a reflexão inversa do capitalismo.

Nas palavras do autor:

O socialismo, para eles, era o modo de produção destinado a superar o capitalismo ao eliminar a contradição principal deste último: a contradição de classe. Isto era fundamental. O capitalismo, ao simplificar extraordinariamente a estrutura de classes da sociedade e ao empurrar a grande maioria da população para o proletariado, tornando ao mesmo tempo cada vez mais insuportáveis as condições de vida deste último – ao fazer tudo isso, o capitalismo cria simultaneamente o problema e sua solução: a grande maioria expropria os expropriadores e abole, assim, ao mesmo tempo, a dominação de classe, a necessidade de autoridade e de coerção na vida política e social e de alienação e miséria na vida econômica. (Singer, P., 2022b, p. 201).

Os escritos de Paul Singer apontam que, desde o século XIX, trabalhadores e pensadores⁴ buscam uma alternativa para superar o modelo de desenvolvimento capitalista. Desde a sua origem, como modo de produção econômica organizador da vida, o capitalismo deixa para trás de si um lastro de pessoas sem emprego, desigualdades e exclusão. Estas duas últimas consequências deste modo de produção não são naturais, tampouco os valores competitivos que a elas dão vida. Ambas são consequência de determinado tipo de organização econômica. P. Singer (2002) explica:

O que importa entender é que a desigualdade não é natural e a competição generalizada tampouco o é. Elas resultam da forma como se organizam as atividades econômicas e que se denomina modo de produção. O capitalismo é um modo de produção cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicado ao capital e o direito à liberdade individual. A aplicação destes princípios divide a sociedade em duas classes básicas: a classe proprietária ou possuidora do capital e a classe que (por não dispor de capital) ganha a vida mediante a venda de sua força de trabalho à outra classe. O resultado natural é a competição e a desigualdade. (p. 10).

O autor aponta ainda que a concepção de socialismo se modifica e avança conforme o capitalismo vai se alterando. Isso quer dizer que a abolição da propriedade privada é apenas uma das pautas socialistas, mas não a única, pois somente ela não basta.

Paul Singer (2022a) explica que a reação da classe trabalhadora perante a revolução capitalista se deu de três formas: a primeira como resposta reacionária à Revolução Industrial, com a tentativa de destruir as máquinas e as inovações tecnológicas. Os trabalhadores organizavam sabotagens às novas tecnologias ou propunham barreiras legais à industrialização. Essa oposição, muitas vezes, dava-se por apego a valores tradicionais e ao antigo regime. A segunda reação dos trabalhadores ao capitalismo foi a adesão às lutas pelas revoluções republicanas, pela democracia e pela universalização do voto. O autor aponta que a conquista do voto universal é, em parte, resultado da luta de trabalhadores que se filiaram aos movimentos republicanos.

Nas palavras de P. Singer (2022a):

O proletariado, de certa forma, colocou-se na vanguarda de uma luta que ainda não era a sua. O avanço democrático possibilitado pela reforma de 1832 foi muito maior do que os reformadores de classe média esperavam, graças ao empenho desesperado das massas operárias, impelidas pela crise e pelo ódio à exclusão política. Mas o voto continuava censitário. (p. 94).

Nesse sentido, P. Singer (2022c) aponta que a conquista do voto universal é um elemento revolucionário, supera a barreira da exigência de propriedade e permite que a classe trabalhadora conquiste espaço no Estado e passe a disputar e compor o jogo de poder

⁴ Paul Singer (1998), além de Owen, aponta Fourier, Buchez, Proudhon e outros. Além dos *kibutzim* em Israel, também menciona as experiências de cooperativa em Mondragón, Espanha.

de forma igualitária com os proprietários dos meios de produção. Esse mecanismo, porém, deve ser acompanhado pela consciência do papel transformador da organização dos trabalhadores. O direito ao voto devolve aos trabalhadores as condições de igualdade na esfera política, que lhes foram tiradas na esfera econômica.

A terceira forma de luta anticapitalista desenvolvida pelos trabalhadores foi a organização em sindicatos e cooperativas. P. Singer (2020b) descreve as diferenças entre uma empresa capitalista e uma cooperativa. Na empresa capitalista, a relação acontece no mercado, apenas na relação de compra e venda. Os sentidos das ações econômicas são pautados na competição e no lucro. Seja com os clientes, seja na relação com os trabalhadores. Já nas cooperativas e nas empresas de caráter socialista, os trabalhadores e os clientes são os proprietários do empreendimento. Suas ações econômicas são pautadas pela solidariedade e pela cooperação.

Nas palavras do autor:

Os princípios do cooperativismo são opostos aos do capitalismo. Porque as cooperativas invertem as relações entre a empresa e seus clientes e a empresa e os seus trabalhadores. Começemos com o relacionamento entre empresa e cliente. A empresa capitalista relaciona-se com o cliente exclusivamente no mercado, que deve ser competitivo, ou seja, onde o comprador tem uma gama de vendedores entre os quais ele pode escolher o fornecedor de sua preferência. Sendo o cliente racional, ele escolherá a melhor qualidade pelo menor preço. A partir do momento em que a transação for concluída ou um contrato assinado, cada parte cuidará de seus interesses. (Singer, P., 2020b, p. 17).

Essas características modificam as relações econômicas havidas no interior do próprio capitalismo, abrindo brechas para outro tipo de relação, que não seja única e exclusivamente motivada pela instrumentalidade econômica.

Paul Singer (2002b) recupera uma passagem em que Marx descreve as experiências cooperativas do seu tempo, umas das primeiras experiências de ruptura com o capitalismo. Os trabalhadores faziam isso quando superavam a contradição entre capital e trabalho. Porém, Marx aponta a necessidade de um sistema de crédito, com o qual o cooperativismo pode ser uma experiência de transformação paulatina em direção a um modelo socialista.

Nas palavras de Marx (1894, p. 481-482):

As fábricas cooperativas dos próprios trabalhadores são, dentro da velha forma, a primeira ruptura da velha forma, embora elas naturalmente reproduzam e tenham de reproduzir em todo lugar, em sua organização real, as mazelas do sistema existente. Mas, dentro delas, a contradição entre capital e trabalho está superada, mesmo que inicialmente apenas na forma de que os trabalhadores, enquanto associação, são seus próprios capitalistas, o que significa que utilizam os meios de produção para a valorização de seu próprio trabalho. Elas mostram como, num determinado nível de desenvolvimento das forças produtivas materiais e de suas correspondentes formas sociais de produção, se desenvolve e toma forma, a partir de um modo de produção, um novo modo de produção. Sem o sistema fabril originado do modo de produção capitalista, a fábrica cooperativa não poderia se desenvolver, e tampouco sem o sistema de crédito originado no mesmo modo de produção. Esse sistema, que forma a principal base para a transformação paulatina das empresas privadas capitalistas em sociedades anônimas capitalistas, oferece igualmente os meios para a paulatina expansão das empresas cooperativas em escala mais ou menos nacional. As empresas capitalistas por ações devem ser consideradas, tanto quanto as fábricas cooperativas, formas de transição do modo de produção capitalista ao (modo de produção) associado (ou socialista), somente que numa a contradição é superada negativamente e na outra positivamente (como citado em Singer, P., 2020b, p. 138).

A defesa de um sistema de crédito que dê suporte às experiências solidárias também é constante nas obras de Paul Singer.

3 Críticas às experiências socialistas

É presente também na obra do economista brasileiro a experiência socialista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A. Singer (2021) relata que, mesmo durante a juventude, quando militava no PSB, Paul Singer rejeitava o centralismo burocrático do stalinismo e apontava para o uso do marxismo científico não como “uma cartilha, mas como um instrumento flexível” (p. 01.) Posicionamento que coincide com a postura teórica e ideológica de Walter Benjamin. Não somente pelas críticas ao autoritarismo do Estado soviético mas também pela defesa de uma aplicação científica do método marxista.

O economista brasileiro defendia a conjugação entre um mercado planejado e a atuação de mecanismos de controle político democráticos. Esses mecanismos visavam fugir dos solavancos que o mercado capitalista poderia impor, porém reconhecendo o mercado como instituição importante.

Aos socialistas caberia assumir que os mercados não poderiam ser abolidos, embora fosse necessário um mecanismo coordenador para evitar a roleta capitalista. “Precisamos de mercados porque é a forma de interação que conhecemos, que permite manter as diversas burocracias separadas, evitando que um poder total se apossa da economia”, refletia Paul Singer (Singer, A., 2021, p. 3).

As críticas à experiência socialista na obra de Paul Singer não se resumem à experiência histórica. O autor aponta também que os autores de *O Manifesto Comunista* acertaram quando apontaram a causa da divisão da sociedade de classe na propriedade privada.

Erraram, porém, quando acreditaram que o fim desse fenômeno bastaria para iniciar a experiência socialista.

A ausência de indícios práticos para uma economia de tipo socialista na obra de Marx e Engels deu margem, segundo Paul Singer (2022c), a uma crença equivocada, principalmente na União Soviética, de que o planejamento socialista seria também uma evolução do planejamento capitalista, especificamente o taylorismo:

Os clássicos parecem ter caído num reducionismo evidente. Pensavam que, se a propriedade privada dos meios de produção é a causa da divisão da sociedade em classes, a abolição daquela implica eliminação desta. Mas a abolição da propriedade privada exige a criação de um regime de propriedade coletiva, sobre o qual eles nada tinham a dizer. E exige também a invenção de um sistema de planejamento que não pode ser a mera generalização do planejamento empresarial capitalista, pois este pressupõe o mercado e a anarquia da produção social. Um planejamento geral de uma economia nacional não pode ser a generalização dos planejamentos empresariais, cuja harmonização se faz em mercados, os quais a socialização dos meios de produção supostamente eliminaria de imediato. O reducionismo de Marx e Engels teve consequências quando na União Soviética se tratou de aplicar à realidade as fórmulas do socialismo científico. Os meios de produção foram efetivamente estatizados, mas desse primeiro ato do Estado como representante autoassumido de toda a sociedade não resultou o perecimento do Estado, mas o contrário, seu crescimento monstruoso. (Singer, A., 2020c, p. 267).

A presença do taylorismo levou ao centralismo econômico, transformando o socialismo em sinônimo de planejamento centralizado e estatal da produção, concentrado na figura do Estado, na centralização de poder pelas empresas estatais e na figura do partido único. Um modelo de planejamento econômico e de participação política que, embora realizado em nome da democracia, foi executado de cima para baixo, em um ambiente político cujos critérios de avaliação não primavam pela eficiência, mas sim pelo índice de lealdade ao partido e ao Estado. Tudo isso com vistas à plena satisfação das necessidades individuais e coletivas.

Nas palavras de P. Singer (2020c):

Embora em nome da democracia, o poder passou a ser estruturado de cima para baixo: em todos os níveis hierárquicos, as pessoas com poder eram designadas pelo nível de mando superior. Os indivíduos assim escolhidos se destacavam pela lealdade ao regime, pela disciplina na execução das ordens e pela ausência de qualquer senso crítico, independência de julgamento etc. Ao menos aparente. Se havia insatisfação, inconformismo, conflitos de ideias ou de interesses, eram sempre rigorosamente ocultos, imperceptíveis, inconfessos. O que permitia a potentes com propensão à paranoia (como Stálin) imaginar o poder soviético infestado de traidores e sabotadores, que era preciso periodicamente desmascarar e expurgar. (p. 272).

A ausência de democracia na experiência anticapitalista é apontada pelo autor como um fenômeno existente não somente na experiência soviética. Segundo Paul Singer (2020c), todas as revoluções até agora vitoriosas falharam em impor o domínio de comando sobre a massa de trabalhadores. Uma espécie de dominação burocrática, que restringe a liberdade de crítica ou oposição, fenômeno presente também nos partidos políticos operários, que repetem em seus interiores a bipartição entre trabalho intelectual e trabalho braçal. Os intelectuais de origem burguesa controlam as ideias dos partidos, monopolizando as decisões e os caminhos políticos da luta dos trabalhadores.

Nas palavras do autor:

Os partidos operários são em geral dirigidos por intelectuais de origem burguesa ou por ex-operários intelectualizados. A deformação burocrática se manifesta no fato de que esses dirigentes, que na versão leninista de organização política se considerava “vanguarda” da classe operária, na realidade monopolizam toda a atividade de direção, deixando aos militantes de base o trabalho político braçal. Não há, em geral, um esforço sério de educação política das bases e sobretudo as decisões sobre alternativas táticas e estratégicas não são sistematicamente submetidas ao voto de todos os militantes. (Singer, P., 2020b, p. 233).

P. Singer (2018) alerta para o fato de que qualquer experiência revolucionária que seja imposta aos trabalhadores em nome de leis abstratas da história não passa de dominação com verniz ideológico. Outro apontamento realizado pelo autor em relação à experiência histórica da URSS diz respeito à demanda da população por mercadorias não essenciais à manutenção da vida. O desejo de consumo, importado de outras sociedades, sobretudo com o processo de globalização, levou o regime à ruína.

A crítica ao consumismo desenfreado é alvo de críticas do autor também nas sociedades capitalistas. Aí está uma das diferenças entre os dois modelos de desenvolvimento: enquanto o capitalismo propõe a ampliação infinita da produção e do consumo de mercadoria, resultando na hipertrofia do sistema econômico por excesso de produção, o socialismo propõe a alteração dos valores dos indivíduos, a fim de que, em vez de entrar numa corrida desenfreada por bugigangas oferecida pelo mercado, seja possível “Fazer que os indivíduos se enriqueçam culturalmente pela diversificação de seus consumos sem que estes se tornem meios de mascaramento de anseios frustrados [o que] exigirá a construção de novas estruturas sociais, que certamente não cabem no capitalismo” (Singer, P., 2020b, p. 212).

Sendo assim, a diferença entre esses dois modelos não está na presença ou ausência de planificação econômica, mas sim no fato de que a economia socialista busca fazer com que todos tenham emprego e perspectiva de mantê-lo, eliminando assim a pobreza e diminuindo a desigualdade social. No capitalismo, apesar da presença de planejamento econômico – empresas, governos e famílias fazem planejamento econômico –, o objetivo da economia é a ampliação do lucro e a venda de mercadoria.

Paul Singer também não despreza a existência do mercado, pois este dá o direito de escolha ao indivíduo, seja como consumidor, seja como trabalhador. O autor critica apenas o fato de o mercado ter se tornado elemento central no processo de regulação da vida social. Sobretudo porque, dessa forma, não incorpora as demandas daqueles que dele foram excluídos.

No lugar do mercado, Paul Singer defende a criação de instituições com função semelhante à de um parlamento econômico, cujo objetivo seria planejar a vida econômica. O que Paul Singer está propondo, portanto, é uma espécie de socialismo democrático de mercado.

Nas palavras do autor:

Precisamos de mercados porque é a forma de interação que conhecemos, que permite manter as diversas burocracias separadas, evitando que um poder total se apossa da economia. O objetivo da economia socialista (sem aspas) é certamente satisfazer da melhor maneira as necessidades e preferências dos consumidores, mas não só. Nele se inclui também a desalienação do trabalhador, o que implica superar a hierarquia nas empresas e a desinformação acarretada pela divisão do trabalho. Numa economia socialista, trabalhadores e consumidores devem ser livres, o que implica poder de escolha e possibilidade de participação – direta ou indireta – nos centros de decisão sobre o destino da economia. O modo de regulação geral, de caráter democrático e participativo, poderá ter a forma de um parlamento econômico, com seus membros eleitos por partidos políticos ou corporações setoriais (por ramo de produção, profissão, etc.). Sua missão seria elaborar políticas fiscais e de crédito que permitissem arbitrar entre demandas competitivas por “financiamento”, isto é, pelos frutos do trabalho social futuro. (Singer, P., 2020c, p. 287).

Paul Singer, porém, reconhece que o problema da concentração de poder nas experiências anticapitalistas não tem solução fácil. São contradições que não serão superadas na teoria, mas sim na experiência prática, que é o melhor critério da verdade.

4 A utopia de Singer e a Economia Solidária

Segundo Namorado (2022), o conceito de Economia Solidária não pode ser definitivo, nem mesmo reduzido a uma só experiência. Segundo o autor, cada realidade nacional, ou até mesmo regional, vai definir seus modelos e práticas de Economia Solidária. Sendo assim, essas experiências não devem ser definidas por teoria, mas construídas a partir da dinâmica local e do próprio momento histórico do capitalismo.

Uma das características de uma organização de economia solidária é a posse coletiva dos meios de produção, atrelada à gestão democrática e à participação direta dos cooperados nas decisões do empreendimento. Além, é claro, da repartição dos resultados. Esse modelo econômico, segundo o autor, tem por base teórica e ideológica autores utópicos da primeira metade do século XIX.

Na sua concepção, segundo Paul Singer (2003), a Economia Solidária é herdeira direta da luta anticapitalista. Uma forma que trabalhadores já excluídos do jogo econômico (ou aqueles que não querem ser excluídos do modo capitalista de produção) encontraram para se organizar e produzir de forma coletiva e solidária. Trata-se de um projeto que, segundo P. Singer (2003, p. 14), acontece em inúmeros países, o qual, “[...] há dois séculos, trabalhadores vêm ensaiando na prática e pensadores socialistas vêm estudando, sistematizando e propagando”.

Schiochet (2018) enfatiza o quão representativo é o pensamento de Paul Singer para a luta anticapitalista no Brasil. Para o autor, a Economia Solidária é expressão do anticapitalismo operário. Singer, portanto, é um inquestionável defensor do socialismo, da luta operária e da democracia:

Deste momento também fui percebendo que o Professor representava uma tradição de pensamento e de movimento político. Para ele, a economia solidária era expressão do movimento operário em oposição ao capitalismo. Toda referência histórica inicial das falas de Singer sobre a economia solidária estava na Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, fundada em 1844. E o pioneiro citado quase sempre era Robert Owen (1771-1858). Praticamente nunca fazia referência ao socialismo francês ou a outros movimentos socialistas. No pensamento marxista tinha como referência Rosa Luxemburgo e sua defesa de pensar e praticar o socialismo a partir da democracia. Para ele, não há socialismo sem democracia. O socialismo é a radicalização da democracia. A base do socialismo é a autogestão. Bem, assim não conheci o Paul Singer economista, apenas conheci o Paul Singer da economia solidária e do socialismo autogestionário. (Schiochet, 2018, p. 54).

Namorado (2018) afirma que, na concepção de Paul Singer, a Economia Solidária possui a ambição de superar o capitalismo e fundar um modelo de desenvolvimento que seja a matriz fundadora do pós-capitalismo.

Nas palavras do autor:

Para Paul Singer, a economia solidária está firmemente ancorada numa ambição de superar o capitalismo. Encara-a como um espaço que incorpora as tradições democráticas e emancipatórias do cooperativismo, do mutualismo, do solidarismo democrático e do associativismo popular. Envolve num olhar crítico, mas fraterno, os protagonistas que integram os movimentos sociais que nela desaguam, distinguindo os que, para ele, exprimem com plena fidelidade os seus valores, inscrevendo-se assim sem ambiguidade numa trajetória emancipatória, dos que, tolhidos

por contaminações suscitadas pela lógica dominante, tergiversam, deixando dissipar a sua autenticidade e o seu ímpeto futurante. (Namorado, 2018, p. 9).

São valores que se encontram em flagrante oposição ao modelo capitalista de desenvolvimento. Paul Singer (2018) aponta que, no capitalismo, os modos e meios de produção são apropriados privadamente e concentrados na mão de uma minoria, portanto, aos trabalhadores, resta apenas a posse de sua capacidade individual de trabalho. Essas características também farão com que os empreendimentos de Economia Solidária tenham uma característica diferente de um empreendimento de cunho capitalista. Enquanto em uma empresa capitalista, por conta da competição, há diferença entre os salários dos gestores e dos trabalhadores, nos empreendimentos solidários os sócios não recebem salários, mas sim fazem retiradas, cujo valor e a periodicidade são definidos de forma democrática e em assembleia. As diferenças, portanto, são inexistentes ou muito pequenas (Singer, P., 2002).

Nas palavras de Paul Singer (2003):

A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado “sobras”) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado. (p. 13).

Nas empresas capitalistas, o objetivo é o lucro do empreendimento; já nas solidárias, os empreendimentos visam diminuir as desigualdades. As tomadas de decisão e as ações de comandos também são antagônicas. Nas primeiras, as decisões cabem ao proprietário ou a um gestor dirigente; e nas segundas, às assembleias e aos mecanismos de participação que fazem parte da dinâmica da gestão. Segundo P. Singer (2002) “[...] muitas cooperativas que têm êxito econômico praticam a autogestão, pois seus sócios fazem questão dela pelos motivos certos: porque gostam de participar e se realizam na luta por um outro modo de produção” (p. 20).

O autor aponta que o processo de globalização neoliberal tende a perder intensidade, e a Economia Solidária a ganhar força. Porém, o caminho não deve ser apenas como um socorro aos desempregados ou um processo suplementar ao capitalismo, mas sim, de fato, a substituição do modelo vigente de produção.

A Economia Solidária, portanto, não se confunde com modelos autoritários ou antilibertários; pelo contrário, defende a posse coletiva dos meios de produção, combinada com o direito de liberdade individual no trabalho. “O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda” (Singer, P., 2002, p. 10).

O autor, porém, não reduz a tarefa de enfrentar as contradições do capitalismo a apenas uma experiência histórica ou a determinado mecanismo político-econômico. Ao invés disso, afirma que essa tarefa deve ser cumprida por uma diversidade de organizações sociais e políticas públicas, com vistas a ampliar os mecanismos de participação política e diminuir a atuação autoritária do capital. Além da participação democrática, também são necessárias experiências como políticas de transferência de renda, bancos solidários, cooperativas de trabalhadores, políticas de democratização da educação, dentre outras. Registre-se que as políticas de transferência de renda estão presentes em diversos textos do autor, as quais, segundo P. Singer (2018), são um caminho para a construção e manutenção da cidadania e da sobrevivência com dignidade.

É claro que a missão do Estado não é simples. Mas não é impossível. Hoje já existem órgãos especializados na defesa da concorrência, que intervêm nos mercados para impedir que algumas empresas os dominem, assim como já existem diversos programas de transferência de renda, que visam a limitar a desigualdade econômica entre cidadãos. Recentemente, o Congresso brasileiro aprovou um projeto de lei do Senador Suplicy instituindo a renda básica cidadã, que se propõe a impedir que qualquer brasileiro seja lançado à indigência. De acordo com essa lei, cada morador no Brasil (e não apenas os necessitados) tem direito a uma renda do Estado, que em princípio deve lhe permitir sobreviver com alguma dignidade. (Singer, P., 2018, p. 92).

Outro elemento importante destacado na obra de Singer é a necessidade de construção de um modelo de educação que defenda valores coletivos e solidários. Na obra *O que é socialismo hoje*, o autor (Singer, P., 2022b) desenvolve uma série de críticas ao modelo educacional contemporâneo, sobretudo porque a educação no modelo capitalista é voltada para o desenvolvimento de habilidades que atendem ao mercado de trabalho, produzindo no indivíduo um comportamento servil e massificado, sem priorizar o desenvolvimento de um espírito crítico.

Quanto mais o capitalismo se desenvolve, tanto mais ele reduz a grande maioria dos trabalhadores a meros executores de ordens, impostas de cima para baixo, cujo sentido mais geral não lhes é dado entender. O trabalhador é treinado, desde a escola, a obedecer sem indagar por que deve fazer o que lhe é mandado. Nenhuma faculdade mental superior lhe é exigida em sua atividade produtiva. Sua eficiência no trabalho será tanto maior quanto mais conseguir automatizá-lo. E aqui que se encontra a raiz da famosa “massificação” do povo que o capitalismo sistematicamente ensaja. (Singer, P., 2020b, p. 232).

A construção de um modelo econômico de desenvolvimento solidário não passa apenas pela eliminação da forma privada do meio de produção mas também pela socialização do conhecimento e da ciência. Uma educação popular, horizontalizada e democrática é parte da estratégia de capacitar os trabalhadores nas decisões sobre a realidade econômica.

Paul Singer tinha como utopia uma economia socialista, de mercado e democrática. Na defesa do autor, socialismo democrático é uma combinação entre liberdades individuais e participação política dos trabalhadores.

Em suas palavras:

O desafio ideológico é formular um projeto de sociedade que respeite as liberdades individuais, políticas e econômicas, conquistadas pelos trabalhadores no capitalismo hodierno e lhes ofereça inserção no processo produtivo em termos de pleno emprego, participação nas decisões que afetam seus destinos também nas empresas e um patamar mínimo de rendimento que lhes proporcione um “padrão normal” de vida. O projeto terá de reavaliar, à luz da experiência histórica, propostas de comunidades coletivistas, cooperativas de produção e consumo articuladas em diferentes âmbitos geográficos, economias nacionais coordenadas e/ou planejadas por autoridade política, em combinação com a organização em forma de mercado de certos setores e ramos, etc. (Singer, P., 2020c, p. 121).

Garantido isso, tem-se o extremo oposto ao modelo capitalista de desenvolvimento. P. Singer (2018) nos lembra de que o capitalismo globalizado, representado pelo neoliberalismo, apesar de apregoar que se guia pelas escolhas de mercado, encontra resistência de implementação em regimes democráticos. A realidade histórica tem mostrado que, quando precisa negociar na esfera política, o capitalismo contemporâneo tem dificuldades de implementar-se.

Schiochet (2018) defende que a economia solidária é uma economia que acontece na sociedade civil, autônoma e orgânica. Aponta que, apesar de advogar a necessidade da existência de políticas públicas que incentivem os empreendimentos solidários, Paul Singer era radical quanto à necessidade de manutenção da autogestão e da autonomia dos trabalhadores:

Para Singer a Economia Solidária era uma economia da sociedade civil, uma economia das trabalhadoras e dos trabalhadores, uma economia das comunidades. Esta era a Economia Solidária autêntica, pois resultado da livre adesão das sócias e dos sócios. Esta economia deveria ser apoiada pelo Estado. Em muitas vezes, utilizava a expressão “ajudada” pelo Estado. Toda economia solidária cuja origem era motivada pela ação direta do Estado era vista pelo Professor como uma “maneira artificial” de criar economia solidária. (Schiochet, 2018, p. 57).

Em uma definição objetiva, a “[...] Econômica Solidária é um ensaio de uma economia oposta ao capitalismo” (Singer, P., 2018, p. 64). Sua racionalidade consiste em defender o oposto dos valores que sustentam a racionalidade moderna capitalista: cooperação no lugar de competição, propriedade coletiva no lugar na propriedade privada; democratização da ciência e do conhecimento no lugar do monopólio; cuidado com os considerados perdedores no lugar de privilegiar os vencedores.

Assim, em meio a uma diversidade de concepções e possibilidades de definição, é importante destacar que, entre os valores defendidos pela Economia Solidária está a ausência de exploração da mão de obra. Uma vez que os trabalhadores são os proprietários dos empreendimentos, urge a radicalização democrática da gestão e a defesa de uma vida em sociedade que não seja centralizada em relações de mercado.

5 A crise do capitalismo e a emergência da Economia Solidária

O cooperativismo e a economia solidária são o horizonte daqueles que buscam uma relação econômica justa e um equilíbrio entre a relação capital-trabalho. A Economia Solidária é, assim, uma proposta de organização econômica baseada em princípios e valores que operam de forma oposta ao *laissez-faire*: “[...] em lugar da concorrência, a cooperação: em lugar da seleção darwiniana pelos mecanismos do mercado, a limitação – mas não eliminação!” (Singer, P., 1998, p. 9). Tarefa que se ampliou no contexto social da década de 1980. Segundo P. Singer (1998), o desemprego e a exclusão transformaram-se em um fenômeno estrutural do capitalismo, graças ao encontro entre dois fenômenos: o processo de aprofundamento da globalização e o processo de reestruturação produtiva promovido pelas novas tecnologias de comunicação. Porém, antes de analisarmos esses dois fenômenos, é preciso compreender por que, na economia de mercado, as relações de trabalho não são igualitárias.

Segundo Marx e Engels (2001), a economia capitalista é construída a partir de duas classes sociais. Uma é a classe dos capitalistas, os quais, além de possuírem o controle sobre o capital, ocupam uma posição social que lhes possibilita, juntamente com outros da mesma classe, mobilizar o capital de forma a influenciar todos os membros da sociedade. A outra classe é a trabalhadora. Desprovida de capital, vende sua força de trabalho para aqueles que por ela podem pagar. Isso porque, assim como outras necessidades, sob o capitalismo, o trabalho transforma-se numa mercadoria.⁵ A mercadoria trabalho, como tal, está submetida às relações e variações de preço da própria relação de mercado.

P. Singer (1998) alerta que, como a oferta de mão de obra é sempre maior do que a demanda, os trabalhadores não possuem liberdade de negociação individualmente. Assim, o preço do seu assalariamento é cada vez menor.

Nas palavras do autor:

⁵ Marx inicia a análise da sociedade capitalista pelo elemento que ele considera ser o mais básico: a mercadoria. Segundo o autor alemão, é preciso começar a análise deste modo de produção pela explicação das características da mercadoria, que, de acordo com suas análises, tem duplo caráter: o valor de uso e o valor de troca. O valor de uso de uma mercadoria é o aspecto material, ou seja, sua capacidade de satisfazer uma necessidade humana. O valor de troca, por seu turno, é a capacidade que cada mercadoria possui para ser trocada por outra mercadoria (Sell, 2002).

Os empresários gostam de falar de oferta de emprego, como se o emprego fosse alguma dívida que a firma faz ao empregado. Na realidade, é o contrário: é o trabalhador que oferece, ele que é o vendedor, e a mercadoria não é o emprego, mas a capacidade de produzir do trabalhador. A firma empregadora é o comprador, o demandante e, como tal, paga o preço da mercadoria – o salário. No mercado de trabalho capitalista, como nos demais mercados, o freguês sempre tem razão. Este dito reflete uma tendência bastante geral de que a concorrência tende a ser mais intensa entre os vendedores do que entre os compradores. (Singer, P., 1998, p. 12).

As classes dominantes possuem ainda outra vantagem: controlam as relações de poder no interior do Estado. Segundo P. Singer (1998), as políticas fiscais e monetárias, que são manipuladas para evitar o aquecimento da economia e manter os preços das mercadorias reduzidas, afetam também o preço mercadoria trabalho. Assim, nas palavras do autor, “Os desempregados, que outrora eram denominados de exército industrial de reserva, desempenham o mesmo papel que as mercadorias que sobram nas prateleiras: eles evitam que os salários subam” (Singer, P., 1998, p. 13).

Outro mecanismo de dominação econômica presente no processo de construção hegemônica do capitalismo apontado por Paul Singer foi o processo de endividamento dos artesões com a burguesia. Segundo Paul Singer (2022a), burgueses comerciantes financiavam matéria-prima para estes artesões e, diante do não pagamento das dívidas, confiscavam seus instrumentos de trabalho, tornando-se assim patrões dos antigos camponeses.

Explica o autor:

Os comerciantes financiavam a aquisição de matéria-prima pelos artesãos, que empenhavam os instrumentos de produção como garantia da dívida. Sendo pobres, frequentemente não conseguiam honrar a dívida, o que os obrigava a entregar seu instrumental ao credor, que assim se transformava em empregador deles. Dessa maneira, o produtor era separado dos meios de produção e o capitalista comercial transformava-se em produtivo. (Singer, P., 2022a, p. 57).

Para compreender esse mecanismo de dominação econômica, P. Singer (2022a) explica que o processo de transformação política imposto pelo capitalismo foi impulsionado pela Revolução Industrial. A burguesia, como força histórica, desenvolveu-se nas falhas do comércio monopolista existente no modo de produção anterior, competia de forma ilegal e contava com a cumplicidade interessada dos compradores e intermediários prejudicados pelo monopólio de então.

Segundo P. Singer (2022a):

A Revolução Industrial só poderia ter nascido em atividades que, por serem novas, marginais, pouco importantes – não estavam dominadas pelos interesses estabelecidos. É isso o que quer dizer a tese de que o capitalismo se desenvolveu nos interstícios do “velho sistema”. A cada passo da revolução, como se verá, os interesses estabelecidos nem por isso deixam de se manifestar, procurando por todas as formas obstar um progresso que os feria de morte. (p. 57).

Esse movimento possibilitou à burguesia, enquanto classe social, não só acumular capital e expandir sua produção mas também reunir em seu entorno um conjunto de forças políticas interessadas na exclusão do modo de dominação tradicional. Porém, até legitimar-se como poder hegemônico, a burguesia precisou enfrentar duas forças de poder. De um lado, a aristocracia, representante do poder tradicional e interessada em manter seus privilégios, entre os quais o monopólio econômico. E, de outro, o proletariado, a classe trabalhadora, filha da revolução capitalista e, portanto, antípoda do capitalismo, como forma de proteger-se da exploração.

6 O capitalismo e o processo de globalização

Na definição de P. Singer (2003), a globalização, como fenômeno, caracteriza-se não apenas pelo processo político mas também pelo processo de reorganização produtiva global. Tem por objetivo diminuir o custo da produção de mercadorias. P. Singer (1998) ainda aponta que o processo de globalização está diretamente ligado às consequências da terceira Revolução Industrial. Toda forma de Revolução Industrial,⁶ segundo o autor, tem por objetivo a ampliação da produtividade e a diminuição dos custos de produção.

Assim, segundo P. Singer, o que vivemos desde a década de 1970 é o encontro entre dois fenômenos: a) a alteração dos padrões tecnológicos produzida pela microeletrônica e b) a ampliação dos mercados produzida pela globalização e, conseqüentemente, a intensificação das comunicações e das trocas econômicas. Esse processo amplia a oferta de mão de obra e faz cair o preço da mercadoria trabalho, achatando os salários e as rendas.

P. Singer (1998) assevera que essas grandes empresas migraram para países onde a classe trabalhadora era menos organizada e a luta de classe menos intensificada do que nos países centrais do capitalismo. Nas palavras do autor:

6 Desde o século XIX, o capitalismo já viveu pelo menos três grandes Revoluções Industriais, dentre as quais a primeira é a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra durante o século XVIII (1780-1830). Nesta, o padrão foi a criação do motor a vapor, que poderia substituir os antigos meios de realização de trabalho, como a força animal, a força humana ou a força da água. Hobsbawm (1983) considera o aparecimento do fordismo como a segunda Revolução Industrial. Seu início data de 1870. O modelo produção em linha de montagem revolucionou a indústria automobilística, ampliando a produtividade em massa. A terceira Revolução Industrial acontece com o surgimento das tecnologias de computação e comunicação. Produções em células e em rede passam a fazer parte da indústria (Singer, P., 1998). Já há autores que apontam a existência de uma quarta Revolução Industrial, com o surgimento da inteligência artificial, da nanotecnologia, etc. (Pasquini, 2020).

A globalização é um processo de reorganização da divisão internacional do trabalho, acionado em parte pelas diferenças de produtividade e de custos de produção entre países. No início da segunda etapa, os países semi-industrializados apresentavam ao capital global vantagens comparativas, que consistiam em grande disponibilidade de mão-de-obra já treinada e condicionada ao trabalho industrial a custos muito menores do que nos países desenvolvidos. Na mesma época, as lutas de classe nos países industrializados haviam se intensificado, alimentadas por crescente insatisfação de uma classe operária de escolaridade de elevada com um trabalho monótono e alienante. Grandes jornadas grevistas eram resolvidas com elevações salariais que superavam os ganhos de produtividade e pressionavam os lucros. A transferência em grande escala de linhas de produção para a periferia foi postas das empresas. (SINGER, 1998, pg. 21)

P.Singer (1998) aponta que o trabalhador, tendo que concorrer no livre mercado de mão de obra, acaba sujeitando-se à informalidade, à fragilidade de contratos e a salários cada vez menores.

Ensina assim ao autor:

Sendo o emprego informal contrário à lei, ele só se efetiva com a cumplicidade do trabalhador. A pressão crescente do desemprego é fator poderoso para que grande número de pessoas aceitem o emprego informal. Grandes empresas burocratizadas dificilmente podem se entregar a práticas ilegais como o emprego informal. Estas empresas estão reduzindo seu gasto com trabalho mediante a substituição de empregados formais por pessoal temporário, fornecido por empresas locadoras de mão-de-obra e por prestadores de serviços. Além disso, a redução do emprego formal condena quantidades cada vez maiores de trabalhadores, com os graus mais diferentes de qualificação, a se engajar por conta própria, em geral prestando serviços ou comerciando em pequena escala na rua, na própria casa ou visitando locais de trabalho, etc. Esta miríade de pequenos operadores, quando utiliza assalariados, quase sempre os emprega informalmente. (Singer, P., 1998, p. 45).

P. Singer (2018) aponta que o capital tornou-se móvel e, portanto, pode mudar de forma com facilidade, realizando a profecia de Marx e Engels no *Manifesto Comunista*, de que, com o processo de mundialização do capital, tudo que parecia sólido se transformaria e se desmancharia no ar. As consequências desse processo foram uma profunda insatisfação com os resultados alcançados e a extinção de milhões de postos de trabalho, sobretudo nas áreas metropolitanas, além do surgimento de novos empregos precarizados em regiões periféricas.

As grandes empresas passaram a atuar em redes, integrando empresas menores e terceirizando funções. Porém, por ser regido pela diminuição do preço da mercadoria trabalho, esse processo faz com que a precarização nas relações de trabalho vá se ampliando à medida que se amplia a terceirização.⁷ Esse lastro de precarização do trabalho é acompanhado pelo processo de concentração do capital e de ampliação do capital monopolista.

Nas palavras de P. Singer (1998):

O resultado parece ser que as grandes empresas verticalmente integradas estão sendo coagidas, pela pressão do mercado, a se desintegrar, a se separar das atividades complementares que exerciam para comprá-las no mercado concorrencial ao menor preço. É o que tem sido chamado de “terceirização”. Outro resultado é que grandes empresas horizontais – que operam estabelecimentos semelhantes em dezenas de países e milhares de cidades – veem-se coagidas, pela pressão da concorrência, a dar autonomia às suas filiais, tomando crescentemente formato de rede, cujos componentes se ligam à matriz por meio de contrato de fanqueamento. (p. 17).

Dito de outra forma: o processo de globalização unifica empresas, cria conglomerados e faz com que o capitalismo se torne um capital monopolista. O fato é que as alterações tecnológicas não são forças naturais da economia. Elas atendem aos interesses daqueles que controlam o capital. A globalização não é apenas fruto das inovações tecnológicas mas sobretudo a busca pela ampliação dos lucros. Sintetizando-se com a implantação do modelo de desenvolvimento neoliberal em todo o mundo, acelerou o sepultamento do modelo fordista de organização do trabalho, um modelo que não estava circunscrito à organização do trabalho nas fábricas, mas estreitamente relacionado com a forma com que o Estado se relacionava com a economia e a sociedade. Seu descenso deu-se, sobretudo, em virtude dos problemas estruturais na economia mundial, problemas estes de lucratividade no sistema produtivo capitalista.

P. Singer (1998) comenta as causas e consequências desse processo nas vidas dos trabalhadores:

A globalização, mais do que os choques do petróleo, pôs fim à Idade de Ouro. A inflação substituiu o desemprego como a grande preocupação, e a crescente transferência das indústrias do centro para a periferia em industrialização criou a necessidade de se cortar custos e aumentar a atratividade de cidades, regiões e países para os investidores. Ajustes estruturais tornaram-se norma para a política econômica e o individualismo tornou-se hegemônico [...]. Como é bem sabido, estas expectativas frustraram-se. A desigualdade e a pobreza tornaram a crescer como resultado de velhos e novos processos de exclusão social. (p. 82).

Mesmo 40 anos após os fenômenos apontados acima, o desafio é construir saídas para aquilo que P. Singer (1998) chama de desemprego estrutural, a saber, a falta de novas oportunidades para os trabalhadores vítimas da alteração no padrão tecnológico, que não possuem acesso aos novos postos de trabalhos ou que habitam regiões que formam economicamente descartadas. Outra característica do desemprego estrutural é que este não necessariamente amplia o número de pessoas sem trabalho, mas, como amplia a oferta de

7 Segundo P. Singer (1998), terceirização implica a substituição de empregados permanentes (na maioria formalizados) por fornecedores autônomos de serviço.

mão de obra, “[...] contribuí para deteriorar o mercado de trabalho para quem precisa vender sua capacidade de produzir” (Singer, P., 1998, p. 82).

7 Globalização e desemprego estrutural

P. Singer (1998) afirma que, na literatura sociológica, há duas respostas para a problemática do desemprego e da exclusão. A dos individualistas, que interpretam a sociedade a partir da análise da ação do indivíduo na sociedade e valorizam de forma semelhante a liberdade e a igualdade. Essa corrente parte da premissa de que toda relação social é um contrato entre iguais e que os envolvidos têm vantagens e desvantagens. Nesse processo, se algum dos envolvidos se sentir prejudicado, tem a opção de desfazer a relação ou rediscutir o contrato. Essa dinâmica vale para as instituições sociais e econômicas. Sendo assim, como amplificam o olhar para a ação do indivíduo, os individualistas enxergam nas instituições e legislações de proteção ao trabalhador um obstáculo para a expansão da economia e do emprego. Como seu olhar se dirige para a liberdade individual, as instituições do Estado de bem-estar social devem ser suprimidas, e o mercado de trabalho desregulamentado.

No outro polo do debate estão os estruturalistas, que defendem a relatividade da ideia de que, na sociedade capitalista, os indivíduos são livres para negociarem no mercado de trabalho. Esse grupo também questiona a concepção de que a relação entre capital e trabalho acontece de forma livre. Isso porque, como o trabalhador não possui recursos para se manter, não tem a possibilidade de se autoexcluir do mercado de trabalho. Para essa corrente sociológica, os indivíduos nascidos em famílias empobrecidas tendem a permanecer na mesma condição social de seus pais. Esse cenário de exclusão piora com a ampliação do desemprego provocada pela convergência entre a terceira Revolução Industrial e a globalização. Nesse contexto, o trabalho não é uma escolha, mas sim um privilégio. Algumas variáveis não são controladas pelo indivíduo, como acesso à educação, região de nascimento e, é claro, classe social. Os estruturalistas apontam que a competitividade do mercado produz vencedores e perdedores. Para estes últimos, são necessárias medidas compensatórias, previstas no Estado de bem-estar social.

P. Singer (1998) exemplifica o dilema de ausência de acesso ao emprego com uma referência ao *Manifesto Comunista*: “[...] pior do que ser explorado pelo capital é não ser explorado por ele, quer dizer, estar excluído do mercado de trabalho” (p. 29). Dito de outra forma: na sociedade capitalista, em que o trabalho é uma mercadoria, ter possibilidades de vendê-lo com mais-valia é melhor do que não ter qualquer possibilidade de vendê-lo.

Na obra *Introdução à Economia Solidária*, P. Singer (2002) afirma que, no capitalismo, a competição é importante para a diminuição dos preços e a manutenção de produtos e empresas mais eficientes, portanto, no capitalismo contemporâneo, caracterizado pelo capitalismo monopolista, a competição é uma miragem. A economia é dominada por oligopólios. O consumidor comum, sobretudo o mais pobre, é refém desses grandes grupos econômicos. Em uma nota de rodapé da obra acima citada, o autor explica:

A economia capitalista atual não é competitiva na maior parte dos seus mercados, dominada geralmente por oligopólios. Mas há concorrência no comércio varejista e em muitos mercados de serviços, de modo que os consumidores com poder aquisitivo têm possibilidades de escolha. Os pobres são obrigados a gastar o seu pouco dinheiro no essencial à sua sobrevivência. (Singer, P., 2002, p. 8).

Como a intersecção entre o processo de globalização e o surgimento da microeletrônica produz o desemprego como subproduto, o questionamento a se fazer, segundo P. Singer (2002) é o seguinte: o que acontece com os desempregados e com as pequenas empresas que são engolidas pelas novidades tecnológicas? Como é um regime guiado pela competição, o capitalismo não se preocupa com os perdedores ou com aqueles que não conseguem se adaptar à corrida na economia. A estes a condenação é a miséria e o desemprego. Não só para eles mas também para seus descendentes.

A economia solidária é portanto a busca de superar o dilema do capitalismo. É necessário encontrar possibilidades econômicas reais para que um contingente humano seja excluído. Porém, essa possibilidade deve ser construída com a criação de um novo setor econômico, “[...] formado por pequenas empresas e trabalhadores por conta própria, composto por ex-desempregados, que tenha um mercado protegido da competição externa para os produtos” (Singer, P., 1998, p. 128).

Nessa ‘nova forma de fazer economia’, o caminho não é único, nem passa apenas pela construção de experiências isoladas. O caminho deve ser composto por um conjunto de instituições de fomento, entre as quais bancos solidários, fundos perdidos, legislações, educação para a solidariedade, etc. O desafio da luta anticapitalista contemporânea não se reduz a combater a exploração do capital, pois também requer meios de tornar as relações de trabalho mais justas e solidárias.

8 Conclusão

Desde o seu surgimento, o modelo capitalista de desenvolvimento transforma todas as relações sociais em mercadoria. Essa característica faz com que o mercado, enquanto esfera social, torne-se elemento central das relações sociais, inclusive o trabalho. A compra e venda dessa mercadoria é operada por duas classes sociais. Os detentores dos meios de produção e os trabalhadores, que, desprovidos das máquinas e ferramentas, vendem sua força de trabalho. Como toda mercadoria, o preço do trabalho é resultado da oferta no mercado, o que traz fragilidade aos trabalhadores, que, individualmente, não conseguem negociar o valor dos seus salários. Essa realidade se complexifica com o entrecruzamento da globalização com a terceira Revolução Industrial, que amplia a oferta da mercadoria trabalho e a automação tecnológica. O resultado é a ampliação da pobreza e o achatamento de ganhos da classe trabalhadora.

Diante desse cenário, a Economia Solidária ressurge como forma de organização econômica anticapitalista. Proposta pela classe trabalhadora, é produzida por trabalhadores desempregados ou que fogem do desemprego e da pobreza, recuperando valores e ensinamentos de autores que, desde o início do capitalismo, teorizam e organizam os trabalhadores para produzirem de forma solidária, auto-organizada e democrática. No Brasil, o principal teórico da Economia Solidária é Paul Singer. Um filho de migrante polonês, descendente de judeu e militante socialista. Sua experiência de militância no judaísmo e na juventude socialista foi decisiva para o desenvolvimento de uma utopia econômica solidária e democrática. Esse caminho aconteceu junto à militância católica e oriunda da Teologia da Libertação. Sua obra não somente apresenta uma leitura teórica de fôlego em relação às relações no interior do capitalismo mas também se confunde com uma trajetória de luta por uma sociedade justa e solidária.

9 Referências

- Alonso, A. (2019). Cebrap: 50 anos pensando o Brasil. *Novos Estudos*, 38(1), 5-7, jan./abr. 2019. Recuperado em 20 de junho de 2022 de https://novosestudos.com.br/wp-content/uploads/2019/06/NEC_113_completa.pdf.
- Andrada, C., & Esteves, E. (2018). Paul Singer: uma vida de luta e de trabalho pelo socialismo e pela participação democrática. *Estudos avançados*, 32(93), 373-399. Recuperado em 30 de março de 2022 de <https://www.scielo.br/j/ea/a/ysVLgn8ksjFwVY4Ndnt87rt/?lang=pt>.
- Confederação Israelita do Brasil. (2022). Kibutz. In *Glossário CONIB*. Recuperado em 14 de julho de 2022 de <https://www.conib.org.br/glossario/kibutz/>.
- Namorado, R. (2018). Paul Singer: uma lucidez solidária e flutuante. In P. Singer (autor). *Ensaio sobre economia solidária* (pp. 05-19). Leya.
- Schneider, J. O. Economia solidária. In M. P. D. (Org.) *Dicionário de desenvolvimento Regional e temas correlatos* (2a ed., p. 303). Conceito.
- Schiochet, V. (2018). Paul Singer: Memórias de uma experiência aprendente. *P2P e Inovação*, 5, 53-60, 2018. DOI: 10.21721/p2p.2018v5n0.p53-60.
- Singer, André. (2021, 10 dez.). *O projeto socialista democrático*. Teoria e Debate. Recuperado em 29 de julho de 2022 de <https://teoriaedebate.org.br/2021/12/10/o-projeto-socialista-democratico/>.
- Singer, P. (1998). *Globalização e desemprego: diagnostico e alternativas*. Contexto.
- Singer, P. (2002). *Introdução à Economia Solidária*. Fundação Perseu Abramo.
- Singer, P. (2003). Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In P. Singer, & A. R. de Souza (Orgs.). *Economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego* (pp. 11-28). Contexto.
- Singer, P. (2018). *Ensaio sobre economia solidária*. Leya.
- Singer, P. (2022a). Uma utopia militante: repensando o socialismo. In P. Singer (autor). *Uma utopia militante: três ensaios sobre o socialismo* (pp. 30-196). Unesp.
- Singer, P. (2022b). O que é socialismo hoje. In P. Singer. *Uma utopia militante: três ensaios sobre o socialismo* (pp. 197-254). Unesp.
- Singer, P. (2022c). Economia Socialista. In P. Singer. *Uma utopia militante: três ensaios sobre o socialismo* (pp. 255-330). Unesp.
- Singer, A. R. (2013). *Os laços entre igreja, governo e economia solidária*. EdUfscar.